

# ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA



A comissão organizadora do  
I Congresso Municipalista Minhoto

Braga, 23 de Junho de 1928

NUMERO 329 — ANO VII

Composta e impressa na Tipografia da «PAX» — Braga

DIRECTOR E EDITOR,

*Joaquim Antonio Pereira Villela*

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «*Ilustração Catholica*», L.<sup>da</sup>



## Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

### PORTUGAL :

Ano. . . . .	60\$00
Semestre . . . . .	30\$00
Trimestre . . . . .	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despesa

### COLONIAS :

Ano. . . . .	64\$00
Semestre . . . . .	32\$00
Trimestre . . . . .	16\$00

### ESTRANGEIRO :

Ano. . . . .	80\$00
Semestre . . . . .	40\$00
Trimestre . . . . .	20\$00
Numero avulso . . . . .	1\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á  
Administração da ILLUSTRACÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

Automoveis e  
Camionetes

# Rugby

Os carros preferidos pela sua elegancia e  
modicidade de preços



STAND RUGBY

Avenida da Liberdade, 32



BRAGA

## CASA EDITORA CATHOLICA

*Livraria, Papelaria, Artigos Religiosos*

### Armenio Sotto Mayor

Rua Candido, Reis, 104 — (Antiga R. dos Chão) BRAGA

Livros de missa com encadernações simples ou de luxo, livros literarios e escolares, variado sortido de papelaria, objectos para escritório, bilhetes postais ilustrados, etc.  
Completo sortido de imagens de massa comprimida e de BISCUIT, pias para agua benta, lampadas, placas, terços, cruxifixos, medalhas e estampas de variados preços.  
Encarrega-se do fornecimento de todos os objectos para as Igrejas, como paramentos, vasos para sacrário, lampadas, serpentinas, castiçais, velas automaticas, vélas de cêra, etc.



# CRONICA DA SEMANA

Da vida de Braga — Festas, Congresso e Feira de Amostras.

BRAGA vive. Na permanencia das suas tradições, e na rasgada iniciativa das suas aspirações. Braga vive. Vive a recordar o passado e a sonhar o futuro, e essa duplice modalidade convergindo em um ponto é a explicação e garantia do seu nobilissimo presente.

Ha do tradicionalismo um conceito erroneo muito vulgar, e é esse conceito que impossibilita e destroe os proprios ideais que julga defender. O conceito é o julgar que o



CASCAIS. — Monumento à entrada da cidadela.

Fot. Alfredo Pinto (Sacavem)

amor á tradição consiste na reprodução servil da civilização que passou, copiando, com a maior minucia de pormenores, os costumes e leis sociais de alguns seculos para traz, revivendo no seculo xx e integralmente, o modo de ser do seculo x, como se bastasse para a ordem social apagar um milenio de historia.

A tradição não consiste nessa imitação servil; o amor reconstructivo não se limita a mero parodiador. Pelo contrario. Conservar a obra dos maiores supõe tambem o quere-la melhorar, deixa-la viver, e portanto expandir-se em novas modalidades.

Braga dá exemplo.

Celebra ela agora as suas festas da cidade, uma das suas mais vetustas tradições. Seculos tem rodado e com eles, quantos costumes modificados, quantos perdidos, esquecidos! Braga recorda, conserva, perpetua, essa característica festa, muito sua, do S. João. E não só na sua estrutura geral, mas em pequenos pormenores, é visivel o culto da tradição que chama aqui tantos e tantos visitantes.

Mas assim querendo perpetuar o passado não olvida o futuro tambem. Com as festas realizou ela, por iniciativa da Junta Geral, um Congresso Municipalista, no qual foram versadas teses importantissimas, e em corolario dessas teses e Congresso, que foram durante tres dias um brilhante Parlamento regional, abriu a Feira de Amostras da Provincia do Minho, um certamen de grande magnitude que demonstra a vitalidade e operosidade do nosso Minho.

Recorda, pois, Braga o seu passado brilhante, mas não esquece o preparar o seu brilhante futuro. Faz, no culto á tradição, a memoria dos seculos já idos, apresentando as suas festas sanjoaninas, muitas vezes seculares; prepara no Congresso Municipalista Minhoto, o futuro, um futuro de grandezas e melhoramentos; na Feira de Amostras apresenta a sua vitalidade, mostra o presente da Provincia: o trabalho, a acção, a infatigavel produção.

Tal é, pois, a lição que Braga nos dá de bom espirito tradicional, nacionalista. O brilhantismo das suas festas, o esplendor das suas festas sanjoaninas, a que não faltou o prestigio da presença do Chefe do Estado, foram aliados á imponencia do Congresso Minhoto, distinto pela elevação dos seus estudos, e á magnificencia da sua Feira de Amostras, grandiosa pela perfeição e aspecto multiforme dos seus produtos.

Lição salutar esta de boa compreensão do pensamento nacional. E' consolador regista-la como uma das melhores paginas da historia contemporanea.



## Exposição de Quadros Antonio Carneiro, no seu atelier, á R. Barros Lima, no Porto

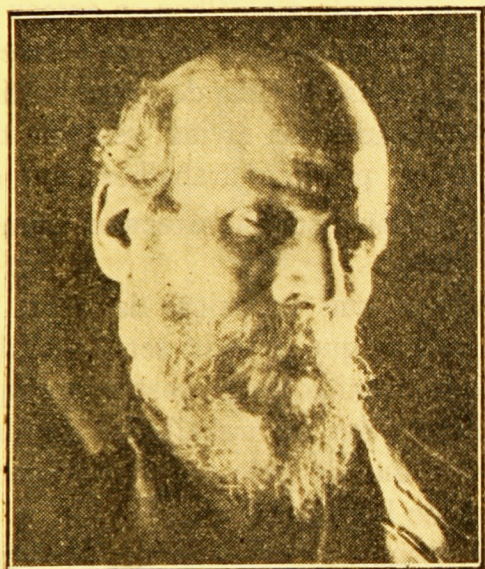
PLACIDO e sereno como um frade beneditino, com o seu perfil de asceta, António Carneiro sem fazer convites, fora do âmbito dos seus amigos, não me disse que tinha, no seu adorável atelier, expostos os seus últimos trabalhos, à veneração, apreciação e

belas, dentre as que tenho visto ultimamente.

Nestas circunstâncias, e porque, acima de tudo a verdade, eu cá venho a trazer-vos a notasinha costumada.

\* \* \*

Num livro, que em tempos publiquei, com o título igual ao que serve de epígrafe a estes meus despertenciosos e desataviados artigos, e que além de se ter esgotado completamente, mereceu o ser indicado na, já célebre, História de Arte de André Michel,

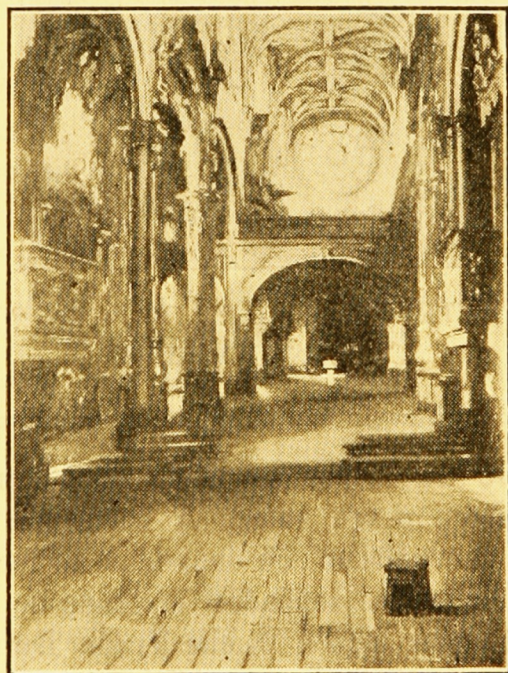


O GRANDE PINTOR ANTONIO  
CARNEIRO

consolação dos entendidos, dos admiradores e dos amadores de boa pintura. Mas, tenho a certeza de que o não fez propositadamente, antes, porque o meu nome lhe não ocorreu à memória, quando abriu a sua exposição, e isso, porque eu ando já tão afastado do mundo e dos homens, que estes se esquecem por vezes de mim.

Eu, porém, que tanto desejo ter, no meu livro de notas, as impressões que as exposições de Arte deixam no meu espírito, lá me fui, despresando o ditado que diz: — a boda e a batisado, não vás, sem ser convidado.

Fui, e se não tivesse ido, ficaria de mal com a minha consciência, por ter faltado a ver uma das manifestações de Arte, das mais



A ROSACEA

Quadro de Antonio Carneiro

eu fiz, em vários artigos, referências ao valor artístico de António Carneiro e isto em 1906.

Hoje essa mesma opinião subsiste, com a agravante de ser, com muita mais razão confirmada por os seus últimos trabalhos. António Carneiro não é apenas grande entre os pintores portugueses, é muito grande.



Observado como retratista, é inegavelmente aquêlê que melhor sabe achar a psychologia dos retratados e expola a dentro das suas sanguineas.

Eu conheço um retrato do Ramalho Ortigão feito por o grande artista americano Sargent, que mereceu o elogio de todos os críticos de Arte, daquêlê tempo, que não é superior em nada, aos retratos que António Carneiro executa com um amor especial.



RETRATO DO FILHO DO PINTOR  
CARLOS CARNEIRO

De todos quantos tenho visto nenhum desmerece o seu valor. A todos êle dá o tique característico do indivíduo a retratar, quer êle seja o sonhador Visconde de Villa Moura, quer seja a M.elle Trude Burmeister, quer o pequerruchito filho do escultor A. de Azevedo. Para cada um, o grande artista, applicou a força impressionante do seu olhar observador e fotogrático, e assim os fez, tão belos, e tão parecidos.

Trinta e tantas Sanguineas atestam, nesta sua exposição, exuberantemente que o que eu registo no meu livrinho de notas, não é ainda o que deveria ser. Mas, para que se não diga que eu sou louvaminheiro, sôbre êste género de trabalhos, ficarei por aqui.

\* \* \*

António Carneiro é um desenhista consumado; verdadeiro mestre, metendo nos seus devidos logares e com todo o rigor da tecnica os claro-escuros, prepetivando com a consciência de quem sabe com os olhos fechados, o que está a fazer. E, só assim é que se pode fazer o que êle faz.

\* \* \*

António Carneiro, teve o condão de encher de unção religiosa e patriótica, com a sua exposição, a minha alma de portuguez de lei.

Levou-me espiritualmente atravez de algumas igrejas célebres pelo seu património artístico, apresentando-nos retalhos adoráveis das suas talhas, dos seus coros, das suas naves, dos seus claustros.

A minha alma ajoelhou e entoou fervorosamente algumas orações, ante êsses quadros e bemdisse a ideia do grande artista em nos dar, tocados da divina sentelha do seu espírito, os primoros trabalhos, que só um grande pintor poderia executar com tanta proficiência.

Aquela sua exposição de agora é um documentário que deveria ser guardado num santuário artístico, para mostrar aos que não se queiram dar ao trabalho de ir, de *visu*, admirar o que de belo nós temos por êsses templos de Portugal.

E assim, dentro daquele acónchegador atelier, acompanhados de um padre mestre da venerável ordem da grande pintura, viajamos pelas Igrejas de S. Francisco, S. Bento, Sé, Convento da Serra do Pilar, no Porto, e pela Sé Velha e Santa Cruz, Coimbra. Fomos ao Convento de Celas a Santo António dos Olivais, e voltamos com a convicção de que fizemos uma verdadeira romagem de arte pura, verdadeira arte.

Saudando com todo o entusiasmo o mestre pintor António Carneiro, só nos ficou um pezar, não ter visto os frades a quem o príncipe dos poetas portuguezes recita o seu grande poema «Os Luziadas»...

Ficará para outra vez...

E que o recolhimento injusto a que António Carneiro se recolhe propositadamente me desculpe a sinceridade do meu escrito.

Porto, Junho de 1928.

ANTONIO DE LEMOS (ALVARO.)





# Saüdade

A' MEMORIA

DA

Menina D. Maria das Dores  
Gouveia de Matos

Não querias morrer! Até ao fim  
lutaste, resistindo! A muitos Santos  
pediste a salvação da tua vida!  
E a vida, mar revólto sem guarida,  
mar imenso de lágrimas e prantos  
fugiu-te! Não sabias que de nada  
valem queixumes, ais e sacrificio,  
que dos homens a sciencia é maleficio  
em face da vontade mór de Deus?!  
Cedeste! As tuas mãos, nesse momento  
supremo ergueste! E a todos teu adeus  
para sempre disseste; adeus eterno!  
E sem mácula, sem um só pecado  
encetaste o caminho dos mistérios  
guiada pela mão de Deus Divino!

.....  
Agora em paz, na Sua Companhia,  
já pensaste, de certo, que na terra  
a vida não é vida, é um inferno  
repleto de demónios, numa guerra  
ingente, enorme, luta que tem fim  
no fim da vida, nosso melhor dia.  
.....

.....  
Descança em paz na Sua Companhia!!!  
Morreste! De morrer não tenhas pena,  
porque na vida tudo esquece e passa!  
O bem e o mal, ventura, amor... desgraça!!!

C. A.



# CONGRESSO MUNICIPALISTA MINHOTO

A capital do Minho, reuniu dentro dos seus muros no dia 20 do corrente, o Congresso Municipalista, a que concorreram representantes dos concelhos dos districtos de Braga e de Viana do Castelo.

Ha anos que se diligenciava a realisação deste Congresso. Só este ano, se congregaram todas as forças vivas do Minho, nesse Congresso que se tornou notavel sob varios aspectos.

Presidiu á primeira sessão do Congresso o sr. capitão José Ribeiro Bar-

nesta tão illustre como douta assembleia, cumpre-me no entanto agradecer reconhecidamente o honroso convite que me foi feito.

Na cidade dos Arcebispos, distinctissimos Prelados que tanto honraram a sua Patria e tão dedicadamente amaram o povo da sua cidade e Arquidiocese, — está-se realizando um Congresso merecedor dos seus aplausos e bênçãos.

Afigura-se-me ouvir neste momento as vozes de todos esses grandes Arcebispos e distinctissimos Portuguezes saídas dos venerandos tumulos que guardam as suas cinzas, a bendizer, animar e abençoar os denodados esforços dos dignos promotôres deste Congresso.

E' a voz do immortal D. Frei Caetano Brandão — o organizador do primeiro de todos os Congressos Minhotos e Bracarense. No generoso e nobre intuito de fomentar a industria popular, tanto pelo que respeita á Agricultura, que é, como bem diz o seu historiador a mais antiga e mais util arte do ho. em, como pelo que respeita ao commercio e ao adiantamento das artes mecánicas — determinou que fôsem premiados no ano de 1793 quatro lavradores que se animassem a melhor cultura das oliveiras e do linho.

A dois lavradores do termo da cidade que no mesmo ano plantassem para cima de 50

tanchões ou estacas de oliveiras e fizessem constar que esta plantação foi praticada segundo as regras da melhor agricultura, concede a cada um o premio de 50\$000 reis.

Igual premio é concedido a dois lavradores ou lavradoras, que sendo pobres fizeram a maior sementeira de linho, passando esta de dez alqueires de linhaça.

Determinou tambem que a 16 aprendizes das artes mecánicas, rapazes ou raparigas, que nas suas respectivas occupações fizessem os maiores progressos, o prémio de 50\$000 reis.

E' admirável a regulamentação dos trabalhos a que devem corresponder os prémios geralmente de 50\$000 reis. Por exemplo; na classe dos mercadores ou negociantes, é dado o prémio de 50\$000 reis ao caixeiro que não tendo menos de 12 anos nem mais de 18, saiba as quatro espécies de aritmética simples ou vulgar; que mostre bom conheci-



[Salão Recreativo Bracarense, onde se realisaram as sessões do Congresso Minhoto]

bosa, como representante do Governo, tendo á sua direita o sr. Arcebispo Primaz, presidente da Junta Geral do Districto de Viana do Castelo, coronel Manuel Belchior Nunes e dr. Domingos José Soares, presidente da Camara de Braga, e á esquerda o sr. Governador Civil de Viana do Castelo, major Carlos de Barros, presidente da Junta Geral de Braga, capitão Gonçalves da Silva.

O sr. Arcebispo Primaz fez um discurso notavel na primeira sessão deste Congresso.

São palavras de S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>:

Ainda que a tradição gloriosa dos beneméritos Arcebispos de Braga me dê direito e até me imponha a obrigação de comparecer



mento da negociação mercantil e saiba arrumar e formalizar um livro de commercio com partidas dobradas ou simples.

Por tudo mostrou o mais dedicado interesse este grande Prelado. A sua maior preocupação foi sempre melhorar a situação das classes pobres.

E' muito interessante esta passagem duma das suas cartas: «Estando eu neste giro da visita muito proximo ás Caldas do Gerez, e tendo noticia do que ali sofre a pobreza por falta de asilo a que se recolha, quiz ir pessoalmente, mas por estar indispostos mandei o meu secretario. Com efeito causa lástima tanta miséria; Um concurso extraordinario; poucas casas, e essas, já se sabe, para quem dá muito dinheiro; ficam os pobrezinhos expostos ás injurias do tempo e até por isso privados de todo o efeito das Caldas.

Fala, depois, dum hospital mandado fazer por D. João V, mas que apenas chegou a ter um bocado de parede. No entretanto ele envidou todos os esforços perante os poderes publicos, para que os pobres daquelas caldas fôsem protegidos e as mesmas caldas melhoradas.

Muito mais pudera dizer da grande obra deste Prelado, que até os progressos da Medicina por eles foram notavelmente favorecidos. Mas uma outra voz mais alto do que esta se levanta: é a voz de D. Diogo de Sousa.

Essa voz repercute-se ainda hoje, quasi se pode dizer, em toda a cidade.

Se preguntarmos aos brazões que assinalam as fachadas de muitas igrejas e templos de Braga — a quem devem a sua construção, teremos resposta semelhante á que nos podem dar as ruas, as praças, e muitas nas edificações principais da cidade, incluindo o tão conhecido Hospital de S. Marcos.

Não ha duvida que bem merece o nome de um quasi novo fundador da cidade D. Diogo de Sousa.

Foi ele que construiu as igrejas de Nossa Senhora-a-Branca, de S. Victor, e o San-



CONDE DE AZEVEDO, que presidiu à ultima sessão do Congresso do Minho

tuario do Bom Jesus do Monte.

Abriu a Porta e Rua Nova, que do seu apelido se chama «de Sousa»; a Porta e Rua de S. João; a grande praça chamada «Campo de Santa Ana», por uma capela que no meio dele edificou dedicada á mesma Santa, e que foi demolida em 1768.

Podemos afirmar que em toda a cidade existem monumentos da rasgada iniciativa, duma actividade sem igual, de D. Diogo de Sousa.



E deixando outros muitos que tanto fizeram também em benefício da cidade e da provincia do Minho, falarei daquele que tão indigna e incompetentemente representa neste momento os que foram tão santos, sábios e prestimosos Prelados.

Se é certo que muito se ha feito pelo engrandecimento desta cidade e pela mais risonha e bela provincia do continente portu-guez, não é menos certo que muito ha a fazer.

Parece-me que o campo de acção em

mem do povo geralmente confia: — é o Padre, o Paroco da freguezia.

Será, pois, acertada medida instruir sufficientemente o Seminarista, que em breve será pastor, chefe espiritual duma parochia, nos processos da intelligente e boa agricultura.

E eu, que não posso dar premios como D. Frei Caetano Brandão para estimular processos culturais, estabelecerei para o Seminarista — o Paroco de amanhã, uma escola de Agricultura pratica.

É neste momento ficam todos sabendo a razão particular que me levou a comprar com sacrificio uma quinta, que ficando junta ao Seminario de Preparatorios e devendo nela ser construido o Seminario de Teologia, constituirá assim para todos os Seminaristas um excelente campo para o estudo da cultura regional.

Não discorri sobre qualquer tese, porisso nenhuma conclusão tenho a tirar do que acabo de expôr; — pretendo sómente que aqui fique consignado o propósito em que estou — de estabelecer na quinta dos meus Seminarios uma escola de Agricultura regional pratica, no desejo de cooperar com Vossas Excelencias nos melhoramentos desta cidade e provincia que todos muito amamos.

Depois de haver escrito o que fica exposto veio ás minhas mãos um numero do diario hespanhol *El Debate* e onde li com sumo prazer o seguinte:

«Tem grande importancia, diz o mencionado periódico, o facto de que os Seminaristas de Tuy estudarão obrigatoriamente na Escola Pratica de Agricultura e Acção Social, para que, quando fôrem Párocos, juntem á sua essencial missão apostólica sufficiente capacidade agricola e social, que lhes facilite o cumprimento do seu ministério e os torne propagadores dos progressos agricolas.

Esta escola pratica de Agricultura vai ser estabelecida a expensas do Governo Hespanhol na quinta do Seminario de Tuy. Será uma escola modelar».

A tanto não vão as minhas aspirações; todavia a projectada escala pratica de Agricultura terá a necessaria eficacia de formação, se me fôrem dispensados, não recursos pecuniarios, que os não posso esperar, mas o auxilio moral daqueles que mais se devem interessar pelo progresso agricola nas diversas regiões da provincia do Minho, que tem por limites os da minha diocese.

Contando com a cooperação moral de todos os devotados amigos da Agricultura, espero dar começo ao exercicio da referida escola no proximo mez de Outubro.



GENERAL CARMONA, Presidente da Republica, que veio visitar a cidade de Braga, por ocasião do Congresso do Minho.

que mais se deve intensificar a nossa actividade é a Agricultura.

A Agricultura estacionou, não ha acompanhado os progressos da industria e dos demais ramos de actividade humana.

E' verdade haver quintas regionais em todos os pontos do paiz; mas, quais são os lavradores que lá vão aprender os progressos da agricultura?

O lavrador, o homem do povo, não acredita facilmente na sinceridade dos outros que o querem beneficiar com os seus ensinamentos, chegando até a julgar-se mais conhecedor do campo e da lavoira do que aqueles que as conhecem pelo seu aturado estudo e experiencia.

Há, porém, uma pessoa em quem o ho-



# AS ROSAS

Ha mais de onze seculos que o imperador Carlos Magno ordenou, num édito, que seriam plantadas roseiras em todos os jardins reais.

Assim, pelo menos, se supõe; não parece, entretanto, provavel que, em França, só no ano 812 a rosa haja sido conhecida. E' infinitamente mais admissivel a hypotese de que os romanos, que tão grande culto consagravam a essa flôr, ali a tivessem plantado muito seculos antes.

Os gregos não admiravam menos a rosa, que dedicavam a Venus; e as suas lendas

como tudo quanto fôra criado pela civilização romana.

Decorreram anos. A rosa não tinha morrido; roseiras se abriram nas ruinas. Nos jardins dos claustros elas eram vistas; e foi, aparentemente, aí que o velho imperador Carlos Magno conheceu a rosa.

E' provavel que as especies, nessa época, na Europa, fossem pouco numerosas; mas as Cruzadas iam trazer á França novas rosas. Do Oriente, os nobres senhores importavam flôres até então ignoradas.

Segundo a tradição, a rosa de Provins foi trazida pelo conde de Brie, de volta de uma dessas expedições a Jerusalem. Desde então, a cultura dessa especie permaneceu como um patrimonio da cidade de Provins.

O que mostra, em todo o caso, que a rosa já era conhecida e cultivada em França, particularmente nos mosteiros, muito antes do édito de Carlos Magno, é a instituição das *rosières*, que data do principio do seculo XVI, isto é, trezentos anos antes que aquele monarca se tivesse occupado de propagar o cultivo da roseira.

O fundador dessa *feira da rosa* foi S. Médard, bispo de Noyon, no seculo XVI, que desejou recompensar, numa cerimonia solene, a mais virtuosa



BOM JESUS — No passeio oferecido pelos dirigentes de Braga do C. N. S. aos Congressistas — Romaria do Espirito Santo

afirmavam que a mais formosa das deusas e a mais bela das flôres tinham nascido ao mesmo tempo.

Em Roma, na época do imperio, não se realisavam festas sem que as rosas representassem nelas um papel importante. Os convivas coroavam-se de rosas nos festins; nas taças as suas petalas perfumavam o vinho; e muitos eram os leitos juncados de folhas de rosa.

Nessa época, na Italia, viam-se numerosos jardins, em que as roseiros florescia no inverno como no estio. Virgilio decanta nos seus versos os jardins de Pestum, «onde as rosas desabrochavam duas vezes por ano». Plinio, o Moço, descreve as rosas da sua cidade natal.

E' permitido imaginar que as invasões dos barbaros tenham destruido, na Gallia e na Italia, as plantações de rosas dos romanos. A cultura dessa flôr caiu no olvido,

d'entre as mulheres solteiras do seu bispado. Ele tinha em mira, glorificando publicamente a virtude, combater os costumes licenciosos da Picardia, naquele tempo.

Fazia-se dessa rosa um consumo consideravel em todas as festas corporativas e em todas as solenidades. Em certos dias, o grande palacio da Justiça se enchia de flôres. E todos os magistrados se coroavam de rosas.

A Persia foi, em todos os tempos, o paiz dessa flôr, rainha das rainhas. Os poetas do Iran cantaram a rosa, sobre a qual Saadi escreveu um poema celebre, o *Gulistan*.

Ispahan é especialmente, na Persia, a terra das rosas. Pierre Loti, no seu livro *Vers Ispahan*, com o seu costumado colorido descreve-nos a *obsessão da rosa* nessa cidade persa.

A Europa possui tambem um paiz em que o culto da rosa é notavel: a Bulgaria, onde se fabrica, em grande parte, a essencia



dessa flôr, consumida na farmacia e na perfumaria europeia.

Foram francezes que crearam ali essa industria e são ainda francezes que actualmente a exploram. E' no pitoresco vale de Maritza, denominado tambem *vale das rosas*, junto aos Balkans, e a sessenta quilometros ao norte de Philippopoli, que se acham os extensos campos de flôres. Ocupam uma superficie de cerca de dez mil hectares, em que se vê, particularmente, a rosa vermelha, de mais intenso perfume, mais adequada, por isso, ao fim comercial que se tem em mira. A colheita dura quinze dias, desde o fim de Maio até ao meiado de Junho. Colhem-se, anualmente, 25 milhões de quilogramas de rosas, as quais, distiladas, proporcionam 5 mil quilogramas de essencia.

Na Europa ocidental cultivava-se, geralmente, a rosa mais num intuito ornamental do que em vista de um lucro pecuniario. A Alemanha, desde o seculo XIII, tinha os seus *Rosengarten* celebres. Citava-se o de Worms, plantado numa ilha do Reno pela bela Krienhilda, filha do rei Kibich. Media uma legua de comprimento e meia legua de largura.

O grão-ducado de Luxembourg possui, egualmente desde épocas imemoriais, soberbos campos de rosas.

Em França, os grandes jardineiros dos tempos classicos não tinham o culto especial dessa flôr. Não se viam plantações na época de Le Nôtre e de La Quintinie. Só nestes ultimos anos foram organisados os jardins de rosas.

O mais celebre, o mais belo é, certamente, o de Hay, no vale da Bièvre, a poucos quilometros de Paris. E' devido a um industrial, o sr. Gravereme, que quiz consagrar o seu tempo e a sua fortuna á glorificação da mais orgulhosa das flôres.

Ele conta muitos milhares de rosas de especies diferentes, oriundas de todas as regiões do universo, rosas da Asia Menor, do Caucaso, da Persia, de Chypre, da Africa, da America, da Australia, da China, do Japão.

Bagatelle (em Auteuil, arrabalde de Paris) tem a sua plantação de rosas, filial da de Hay.

A festa realisou-se, pela primeira vez, em Salency, cidade natal do prelado, e a primeira *rosière* coroada foi, assegura um cronista, a propria irmã de S. Médard, a quem era tributado um preito de admiração extrema em toda a região.

O bispo, conscio de que, no ponto de vista moral, aquela festa exerceria vantajosa influencia, resolveu perpetua-la. Destacou dos seus dominios certa porção de terreno e decidiu que renda proveniente dessas terras serviria para crear um premio de 25 libras em favor da *rosière* e a pagar as despesas exigidas pela cerimonia.

Assim, graças a essa fundação, a festa em que triunfava agradavelmente a virtude, anualmente se repetiu até ao fim do seculo XVIII, em Salency. Era a 8 de Junho que essa cerimonia pontualmente se realisava.

M.<sup>me</sup> de Genlis que, um dia, assistiu a uma festa da rosa, em Salency, contribuiu, com a brilhante descripção que fez, para a tornar conhecida e fazel-a adoptar na ilha de França. No correr do seculo XVIII, diversas



CORPO NACIONAL DE SCOUTS — BRAGA. — Os dirigentes de Braga e os congressistas na Falperra.

(Fot. de Alipio da S. Vicente).

localidades da Normandia e das Ardennas instituiram festejos semelhantes. Mas a Revolução suprimiu essa interessante cerimonia, embora organisasse festas civicas em honra da infancia e da vilhice, da moral e da virtude; vedava, porém, a realisação daquela, por ser a sua origem feudal e religiosa.

Mas, no começo do seculo XIX, a tradição readquiriu os seus direitos. Nanterre teve a honra de renovar o culto das *rosières*, sendo nisso imitado por Suresnes, Enghien, Saint-Cloud, Fontenay-aux-Roses e outras localidades visinhas de Paris. Por toda a parte se acharam filantropos que quizeram fundar instituições de beneficencia, em proveito das raparigas pobres e virtuosas.

A festa não se efectua hoje como a descreveu M.<sup>me</sup> de Genlis; mas subsiste, o que é essencial, porquanto alenta, protege e re-



compensa o trabalho e a virtude. Na idade-média, a rosa não foi menos querida do que na antiguidade. Ela aparecia em todas as festas. Paris tinha uma numerosa corporação de *floriers* e de *florières*, como então se dizia, que cultivavam a rosa; e outra, não menos numerosa, de *chapelliers de roses*, que, para as solenidades e os jogos de toda a sorte, faziam *chapéus de rosas*, com que eram coroados os vencedores.

Naquele tempo, durante a boa estação, as mulheres moças usavam sempre rosas nos cabelos. Guilherme de Nangis refere que S. Luiz ordenava ás suas filhas que, ás sextas-feiras, tivessem um «*chapéo de rosas*, em memoria á santa corôa de espinhos».

A contar do seculo XII, a aldeia de Fontenay-aux-Roses se tornou formosa pela beleza dos seus campos; e era daí que os *floriers* de Paris tiravam as mais belas flôres.



BRAGA — Os Congressistas de C. N. S. com S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Arcebispo de Braga

## OS CÃES DA MODA

Quando Walkanaër fazia o retrato de alguma mulher elegante do segundo império francez, não deixava de figurar nos seus joelhos ou no tapete aos seus pés um fiel king-charles. Essa era a raça de cães que o *chic* então impunha.

Actualmente, quando um dos pintores mais acatados em França pelas elegantes, La Gandara, André Brouillet, Carrier-Belleuse, Rondal, Cayron, Gervex, quizer representar as belas parisienses, cumprirá mostrá-las acompanhadas de um cão de policia. Assim exige a moda.

Póde-se perguntar qual é o destino dos cães a que um capricho ephemero dá certa voga e que, durante um periodo, parece mul-

tiplicarem-se profusamente. Desde o dia em que os king-charles começaram a ser desdenhados, completamente desapareceram.

Depois de 1870, desertaram Paris.

Sucede aos cães o mesmo que sucede aos chapéus. Nota-se que, quanto mais amplas são as saias, menores se tornam os chapéus. Na época do segundo império, as vastas crinolinas tinham por complemento chapéus chatos e diminutos, colocados no alto de penteado. Por outro lado, à proporção que se estreitam as saias, mais largura se concede ao chapéu. E note-se que o minúsculo king-charles se oculta à sombra da crinolina, ao passo que o grande cão policial santa em torno da esguia saia *fourreau*.

Sejam ou não justas essas reflexões, é incontestável que o cão de policia merece a protecção da moda. A parisiense que sai a passeio, leva o seu, a menos que não se dei-



xe levar por ele, porquanto esse cão não é tranquilo. Preso a um cordel de seda ou de couro fino, tanto se revolta contra o jugo que se torna necessário o emprego de bastantes esforços para o conter. E é, ao mesmo tempo, gracioso e cómico o espetáculo de uma elehante *promeneuse* que luta com o cão de polícia, desejo de caminhar em direcção oposta àquela que a sua dona quer seguir.

Nos automóveis, vê-se no fundo a silhueta da parisiense e deante dela, com as patas apoiadas à portinhola e o focinho levantado, o cão que, interessado, contempla o espetáculo da rua. Outras vezes, está gravemente sentado ao lado do *chauffeur*, cujos movimentos segue com atenção.

Cumprido dizer que os cães policiais não constituem precisamente uma raça: são cães pastores, com o aspecto de lobos. Dá-se preferência aos belgas ou aos luxemburguezes.

Sabe-se quanto são inteligentes, como obedecem à voz do pastor, acelerando ou diminuindo a marcha do rebanho; e foi essa qualidade que determinou a sua escolha para a tarefa que hoje se lhes impõe em Paris. E os agentes policiais da grande capital obtêm extraordinários resultados com esses auxiliares preciosos, terríveis adversários dos malfeitores, que eles corajosamente atacam, apertando-lhes a garganta.

Em Neuilly, às portas de Paris, e em outros pontos da periphéria da *Ville lumière*,

funcionam conservatórios especiais, onde esses cães recebem o necessário ensino.

Como dissemos, têm a aparência dos lobos; e essa semelhança é tal que entre os dois animais é, muitas vezes, difícil estabelecer a diferença.

Há pouco tempo, em Bruxelles, no boulevard Anspanh, o proprietário de um lobo domesticado passeiava, quando um agente de polícia o interpelou.

Exigia o pagamento de uma multa, porque o cão não trazia focinheira nem estava preso.

— Não há lei nenhuma que me reclame essa multa, assegurou o dono no animal.

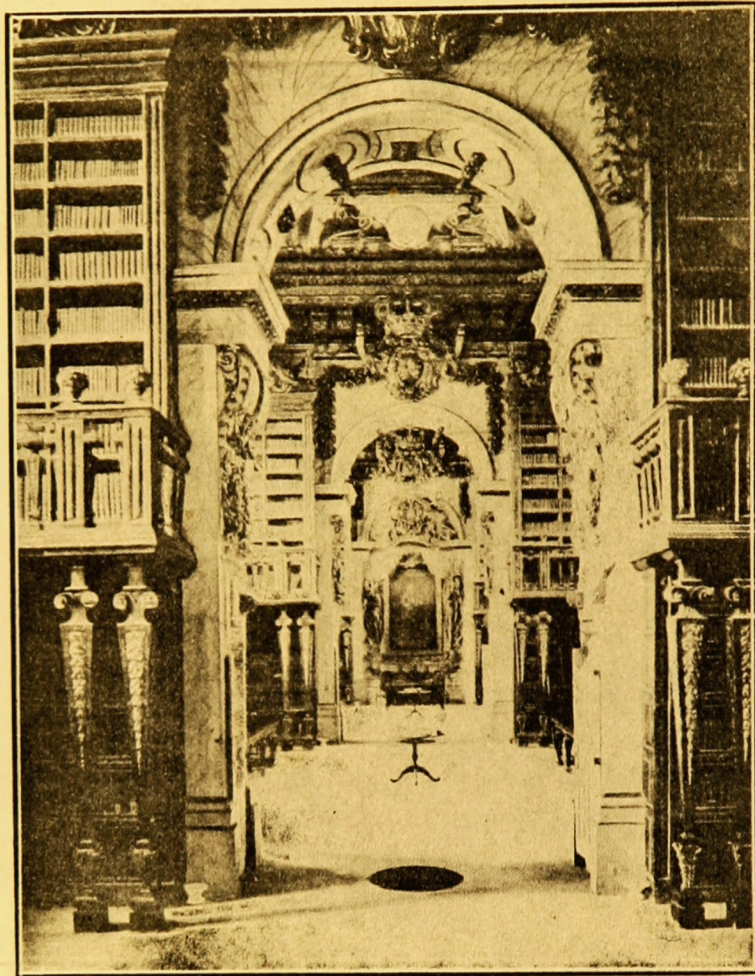
— Porque?

— Porque não se trata de um cão, mas de um lobo. Mostre-me o regulamento policial relativo aos lobos...

E o transeunte não foi importunado, porquanto, efectivamente, a polícia belga não previra aquele caso.

E isso recorda o que, não há muito tempo, aconteceu numa província da Grã-Bretanha, onde, à entrada de uma ponte se lia: «E' proibido aos homens passarem aqui a cavallo». Ora, um dia,

uma mulher atravessava a ponte, montada num burro, quando um guarda a prendeu; mas, a autoridade policial a que elle a apresentou, repreendeu com severidade o guarda excessivamente zeloso, porquanto uma mulher num burro não podia contrariar o regulamento, que só se referia aos homens a cavallo.



COIMBRA. — Interior da Biblioteca da Universidade

## Vieira do Minho

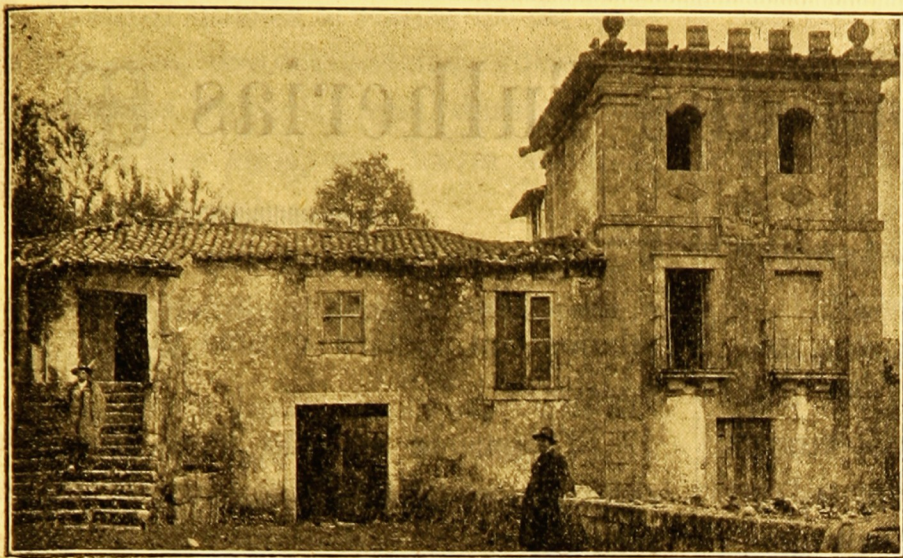
(EXCERTO)

Quantos, lá por fóra, julgam que isto é uma terra pouco menos que de cafres, avêssa a todas as luminosas im-

posições do progresso, malfadada da mesma natureza, bem digna de que lhe encaixem à força os três FF, fazendo-a alem de *fresca e fria*, que o é, *feia*, que o não é! (1)

Isto de certa gente crismar a Vieira de feia faz-nos lembrar aquela bela





VIEIRA DO MINHO. — Mosteiro — Casa da Pena.

*charge* com que Antonio Bandeira zuzia sólos que, depois de fazer uma viagem à tóa lá pelo estrangeiro, fazem do que por lá viram ponto de meio para todas as conversas, metendo sempre o consabido estribilho: « Aquilo é que é! » Os que mofam da nossa terra são, em ultima analyse, criaturas que, quando muito, viram os *boulevards* de Paris com a sua movimentação estonteante, e contemplaram algum pico dos Pyri-neus das janelas do comboio.

Podemos garantir a todos os de-tractores da nossa linda terra, quer eles sejam letrados quer iletrados, dizem que ela tem panoramas devéras incompara-veis; panoramas em confronto dos quais ficam a perder de vista muitos que lá pelo estrangeiro, pela França, pela Hespanha, pela bela Italia, são celebrados em todos os tons e postos em fóco com os mais campanudos tro-pos e as mais vistosas flôres de reto-rica.

Quem isto escreve fala de sciencia propria, pois o que viu no estrangeiro não foi à *vol d'oiseau*, nem da janela dos comboios, nem por um binoculo; mas présa-se de ter visto e observado de perto, sempre a pé, cadeias de ser-ras, geleiras, rios, que nenhum dos de-tractores desta obra jámais viu senão nos albuns... Muitos falam porque Deus lhe deu a lingua...

Então é feia a nossa terra entre-

condendo-se, ora mostrando-se, até formar em Lamêdo (Rossas) aquelas quedas de agua e aquelas cascatas que até o lavrador boçal admira e can-ta em sentidos arroubos de entu-siasmo.

*Cidadão da aldeia.*

(1) Alusão ao que se diz da cidade da Guar-da. Essa tem 3 ff: é *feia*, *fria* e *fresca*. São modos de dizer, pois não creio que seja assim: fresca e fria é-o com certeza. O mesmo dizem de Huesca, cidade hespanhola: Essa, para fazer rima, é *fria*, *feia* e *fresca*. E é realmente as três coisas.

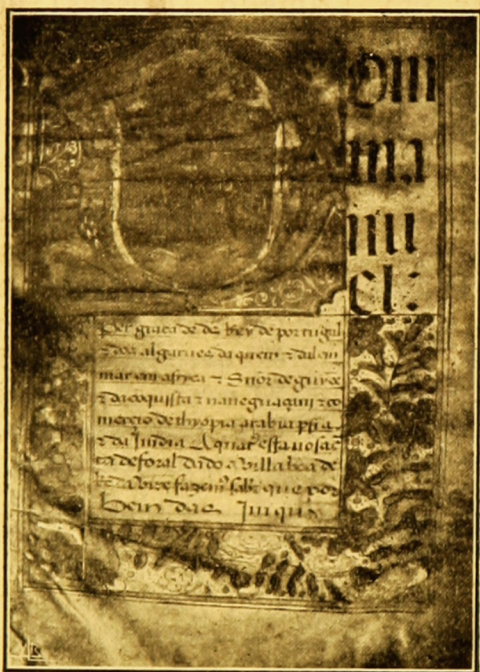


VIEIRA DO MINHO. — Lourêdo — A' hora da doutrina



# O Jardim das Tulherias

Começado em 1563, o jardim das Tulherias foi terminado em 1578. Era unanimemente considerado uma maravilha; de longe vinha-se admirar o Labirinto, o Echo, a Fonte, o Quadrante, devidos a Bernard Palissy.



VIEIRA DO MINHO. — Fac-Simile do Foral dado por D. Manuel.

Vinte e dois anos mais tarde, em 1594, Henrique de Navarra, então Henrique IV, olhava devastado o jardim que com tanta satisfação ele contemplára outrora; e decidiu empregar a decima parte do producto anual da venda de madeiras de todas as florestas do reino à reconstituição dos jardins reais, o Louvre e as Tulherias. No ultimo, ordenou a plantação de arvores, o traçado de alamedas, e aí foram ins-

talados um viveiro e uma grande *ménagerie*.

O parque era tão vasto que nele se faziam caçadas. E nas memorias de lord Cherbury, embaixador da Inglaterra, se lê que a rainha Ana de Austria recebeu nos cabelos alguns grãos de chumbo, destinados aos passaros que nas altas arvores eram visados pelo rei.

Modificando inteiramente o plano do jardim, Le Nôtre, convidado por Luiz XIV, destruiu o viveiro e o labirinto, operou varias e uteis transformações e semeiou de estatuas as avenidas ensombradas.

Mas Luís XIV abandonava, com frequencia, Paris em favor de Versalhes, de modo que longos anos decorreram sem que o palacio das Tulherias, desdenhado, recebesse a visita do soberano.

Alguns parisienses penetravam no jardim, para respirar o *ambiente dos campos*, como diz um cronista da epoca. Desenhos de Saint-Aubin, datados de 1761, nos mostram grupos que passeiam nas aléas umbrosas do extenso parque. Ali se discutiam as noticias do dia e dali se contemplava o descambar do sol atrás das alturas do monte Valeriano. E foi desse jardim famoso, onde frequentes festas reuniam os habitantes da capital, que, em 1783, os aeronautas Charles e Robert tentaram, com exito, ascensões em *balões perdidos*, como então se dizia.

A 6 de Outubro de 1789, a côrte



de França, trazida brutalmente de Versalhes pelos revolucionarios, voltou ao palacio das Tulherias, que, durante cinquenta e sete anos, não havia acolhido as familias reais.

Desde que Luís XVI aí chegou, a multidão invadiu o jardim, turbulenta e ameaçadora.

A 21 de Junho de 1791, Paris foi informado de que o rei, a rainha e os dois filhos tinham partido. A Assembleia reuniu-se e a municipalidade annunciou oficialmente o facto.

Dois dias após, sabia-se que os fugitivos tinham sido apreendidos em Varennes. A 25, Luís XVI e Maria Antonieta regressavam à capital, cercados de uma floresta de baionetas, no meio de espectadores que, mudos, cheios de odio, não se descobriam à passagem dos soberanos.

A 10 de Agosto de 1792, o palacio foi invadido pela turba; e os reis da França daí saíram para não mais voltar. Atravessaram pela ultima vez as alamedas do jardim historico, onde, durante a fase mais agitada da Revolução, o povo acumulava-se, dansando a *Carmagnole* e dançando o *Ça ira!*

Se o espaço nos fosse mais largamente concedido, muitos acontecimentos que tiveram por scenario o parque de Le Nôtre, poderiam ser evocados.

Recordemos, contudo, que aí foi festejado o *Ente Supremo*; que Napoleão passou ali revistas das suas tropas victoriosas e que a Restauração ali deu festas agradaveis. Luís Filipe foi nesses grandiosos jardins aclamado pela guarda nacional, e o principe, que devia ser Napoleão IV, aí recebia lições

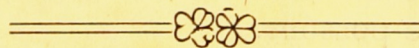
de velocipede, antes de partir para a Zululandia, onde succumbiu. A 4 de Setembro de 1870, o povo, quebrando o gradil dourado, invadiu as Tulherias, reclamando a deposição do segundo imperador.

Veiu, depois, a ruina. A Comuna incendiou o palacio dos reis de França. Em uma noite foram aniquilados tres seculos de arte. Tres dias antes, aí se efectuára um grande concerto, « em favor das viugas e dos orfãos da República », no qual a actris Agar re-



PARADA DE BOURO. — Capela de N. Senhora dos Prazeres.

citou, aclamada pelo auditorio, o *Lion blessé*, de Victor Hugo.



Representava-se *Nanine*, de Voltaire. Nos bastidores do teatro, o auctor encontra-se com Piron.

— Que pensa da minha tragedia ?

— Penso que lhe seria muito agradavel que eu a tivesse escrito.

— Porque ? Ela não foi assobiada, como succede com as suas peças.

— Seria impossivel. Como poderiam os espectadores assobiar, se eles bocejam ?





# ANECDOTAS HISTORICAS

A felicidade nunca é, para a mulher, uma ideia abstracta: ella se lhe apresenta sempre sob os traços de uma imagem querida.

*M.<sup>me</sup> Guizot.*

Orgulho, desce os olhos dos céus sobre ti mesmo e vê como os nomes mais poderosos vão se refugiar numa canção.

*Byron.*

A unica precaução eficaz contra um flagelo é não ter medo.

*Lesseps.*

A falsa modestia é a mais decente de todas as mentiras.

*Chamfort.*

Passamos a primeira metade da vida a desejar a segunda; passamos a segunda a lamentar a perda da primeira.

*A. Karr.*

O progresso consiste no melhoramento material, intelectual e moral do maior numero.

*F. Bouillier.*

Procura descobrir nos outros as qualidades que elles possam ter; procura descobrir em ti os defeitos que certamente possúes.

*Franklin.*

Insulta-se a familia e a patria cada vez que se desrespeita a lei divina.

*Platão.*

O mais importante dos officios sociais é a administração do culto.

*Aristoteles.*

A religião é de todo necessaria se se quer conservar uma civilização, e preservar os estados da ruina.

*Machiavell.*

Rasgaram um abismo e a terra

caiu-lhes em cima... O homem não pode aniquilar o que Deus fez.

*Voltaire.*

A mais alta garantia de que podem gozar as leis é a religião.

*Hegel.*

Promulguemos em face de todas as nações e de todos os seculos que Deus é tão necessario como a liberdade.

*Mirabeau.*

*De M.<sup>me</sup> de Sévigné.* — Uma andorinha voando através da frase: « *Le froid me chasse* ».

*Da duqueza de Les Viguières* (que foi avó aos 28 anos. — Uma laranjeira com estas palavras: « *Je porte des fruits et des fleurs* ».

*De Francisco I.<sup>o</sup>* — Uma salamandra com estas palavras: « *Nutrisco et extinguo* ».

*De Margarida de Valois.* — Um renovo de vide enroscado nestas palavras: « *L'ardore temo, il gelo mi offende* ».

*De Branca de Castela.* — Um ramalhete de açucenas, em que se lê: « *Tout par eux, tout pour eux* ».

*De M.<sup>lle</sup> de la Vallière.* — Um botão de rosa com o verso de Tasso: « *Quanto si mostra men tanto più bela.* »

*De Cristiana da Suecia.* — Uma andorinha com esta frase: « *Pour chercher mieux* ».

*De Ninon de Lenclos.* — Um cata-vento: « *No mudo si no mudan* ».

*De Victor Hugo.* — *Ego Hugo.*

*De Alexandre Dumas, pai.* — *Adesso e sempre.*

*De George Sand.* — *Malgré tout.*